



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

JÉSSICA SALES DE LIMA

**RELAÇÃO ENTRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E A
VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NA EMEF
ROSÁLIA PINHEIRO NO DISTRITO DE AMERICANO/SANTA IZABEL - PA**

Castanhal
2015

JÉSSICA SALES DE LIMA

**RELAÇÃO ENTRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E A
VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NA EMEF
ROSÁLIA PINHEIRO NO DISTRITO DE AMERICANO/SANTA IZABEL - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Pedagogia do Campus de Castanhal
da Universidade Federal do Pará como requisito
parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena
em Pedagogia.
Orientador (a): Diana Portal.

Castanhal - PA

2015

JÉSSICA SALES DE LIMA

**RELAÇÃO ENTRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E A
VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NA EMEF
ROSÁLIA PINHEIRO NO DISTRITO DE AMERICANO/SANTA IZABEL – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia do Campus de Castanhal da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob orientação da Professora Diana Portal.

Banca examinadora:

Prof.^a Diana Portal (Orientadora – FAPED/UFPA)

Prof. Dr.^a Eula Regina Nascimento (Membro – FAPED/UFPA)

Prof.^a Ms. Eliane Sabino (Membro - FAPED/UFPA)

Castanhal, 17 de Agosto de 2015

Dedico este trabalho à minha família, especialmente a minha Avó, Mãe e Tia, pelo exemplo de amor, companheirismo, apoio e motivação que sempre dedicaram a mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, o Pai Eterno, pelas bênçãos que concedeu-me nesta vida. Pelas dificuldades e desafios que ajudou-me a superar e por todas as oportunidades que oferecera no decorrer da minha trajetória acadêmica.

A Virgem Maria, Mãe piedosa que esteve presente em minhas orações e intercedendo por mim nos momentos mais difíceis.

A minha avó Maria Sales pela grande dedicação e incentivo aos meus estudos desde o ensino regular até a minha graduação.

A minha mãe Silvana Sales pelos sacrifícios, esforços, atenção e apoio às minhas conquistas.

A minha tia Sílvia Santos, pelo explícito amor, carinho e ternura que sempre me proporcionou, confortando-me nas minhas angústias.

Ao meu noivo e futuro esposo Marco Antonio, pelo amor, brandura, carinho, paciência e compreensão que proporcionou-me durante a construção deste trabalho. Estando sempre ao meu lado, proferindo palavras de incentivo e força.

Aos meus irmãos Mailson e Wellington, que sempre torceram por mim. Aos meus familiares e amigos que também são responsáveis por essa conquista.

As amigas que tive a honra e possibilidade de construir no decorrer do curso de Pedagogia, Ana Paula, Carla Caroline, Marlinda Costa, Suanara Nogueira e Victória Machado, que além de proporcionarem também compartilharam grandes e valiosos momentos da minha vida acadêmica.

A todos da turma de Pedagogia, que deram-me a chance de partilhar dos bons e maus momentos (que fizeram-se necessários) durante nossa graduação.

Aos meus professores do curso de Pedagogia e a minha orientadora Diana Portal, que apesar das dificuldades e compromissos, aceitou-me como sua orientanda e contribuiu com o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de curso.

Miriam Abramovay (2002, p.17).

A noção de violência é, por princípio, ambígua. Não existe uma única percepção do que seja violência, mas multiplicidade de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro.

RESUMO

Neste trabalho busca-se apresentar uma discussão acerca da violência no ambiente escolar a partir de uma abordagem teórica com base em autores sociólogos, tais como Abramovay e Rua, Sposito, Priotto e Boneti, Charlot, Blin, etc., que já discutem este tema, o qual revela-se um assunto bastante recorrente na sociedade atual. Deste modo, tendo em vista que o problema da pesquisa está centrado na questão de como a violência pode interferir no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e no desenvolvimento da prática docente dos profissionais da educação, este trabalho objetivou a realização de análises sobre a interferência da violência na relação professor-aluno com base nas concepções dos sujeitos da pesquisa, buscando compreender o fenômeno da violência a partir dos referenciais teóricos abordados; apontar as diferentes manifestações deste fenômeno diante do contexto escolar; e identificar os tipos de violência mais frequentes nas escolas. Este trabalho contempla uma pesquisa qualitativa, apresentando um estudo de caso a partir das análises dos questionários direcionados aos dois grupos que participaram como sujeitos da pesquisa, sendo estes, professores e equipe gestora. O qual possibilitaram, por meio de suas falas, o reconhecimento do fator violência como real interferência no processo educacional, já que possui uma reação negativa nas relações interpessoais de alunos e professores.

Palavras-chave: Violência escolar, Ensino-aprendizagem, Professor-aluno.

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1. Relação entre o número de adolescentes assistidos no programa MSE e suas respectivas série escolar.....	12
--	----

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Ilustração dos sujeitos participantes da pesquisa de campo.....	30
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

EUA – Estados Unidos da América

CREAS – Centro de Referência Especializado da Assistência Social

MSE – Medidas Socioeducativas

Sumário

Introdução.....	11
1. Abordagem Teórica: Violência no Ambiente Escolar.....	15
1.1 Classificações de Violência.....	22
1.1.1 Violência Doméstica.....	22
1.1.2 Violência Física.....	23
1.1.3 Violência Sexual.....	23
1.1.4 Violência Psicológica ou agressão emocional.....	24
1.1.5 Violência Simbólica.....	24
1.1.6 Violência Verbal.....	25
1.2 Principais tipos de Violência presentes nas Escolas.....	25
2. Trajetória Metodológica.....	29
2.1 Sujeitos da Pesquisa.....	29
2.2 Instrumentos de Produção de Dados.....	31
2.3 Localização da Escola/ Ambiente Escolar.....	34
3. Estudo de caso numa Escola Municipal do Distrito de Americano/Santa Isabel - PA: A violência contra Professores.....	37
3.1 Concepções de violência e violência escolar.....	38
3.2 Identificação em quanto vítima e agressor.....	41
3.3 As consequências da violência escolar no Processo Educacional.....	45
3.4 Apontamentos das possíveis causas da violência escolar na EMEF “Rosália Pinheiro”	46
3.5 Sugestões de ações referentes a redução da violência no ambiente escolar.....	48
Considerações Finais.....	51
Referências.....	53
Anexos.....	56

Introdução

Estando diante de uma realidade social que demonstra ser uma ameaça para escolas do mundo inteiro, no qual denomina-se a violência escolar, torna-se importante direcionarmos nossos olhares minuciosamente a assuntos, discussões e situações que apontam para esse tipo de ocorrência. Nas últimas décadas, o Brasil também tem demonstrado uma crescente preocupação com relação as incidências de violência em meio escolar, que até então, designava-se objeto de estudo somente para pesquisadores europeus.

Mediante a isto, neste trabalho busca-se analisar a Violência escolar praticada por alguns alunos contra os professores que trabalham na modalidade de Ensino para Jovens e adultos (EJA), especificamente nas turmas de 3ª e 4ª etapa da EJA, na EMEF Rosália Pinheiro localizada no Distrito de Americano – Santa Isabel/PA.

Deste modo, com base na concepção apresentada pelos sujeitos participantes da pesquisa, buscou-se compreender como a violência no ambiente escolar pode interferir no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e no desenvolvimento da prática docente dos profissionais em educação, em especial dos professores envolvidos em situações de violência. Neste sentido, compreende-se que o objeto desta pesquisa envolve escola, violência, alunos, professores e gestão escolar.

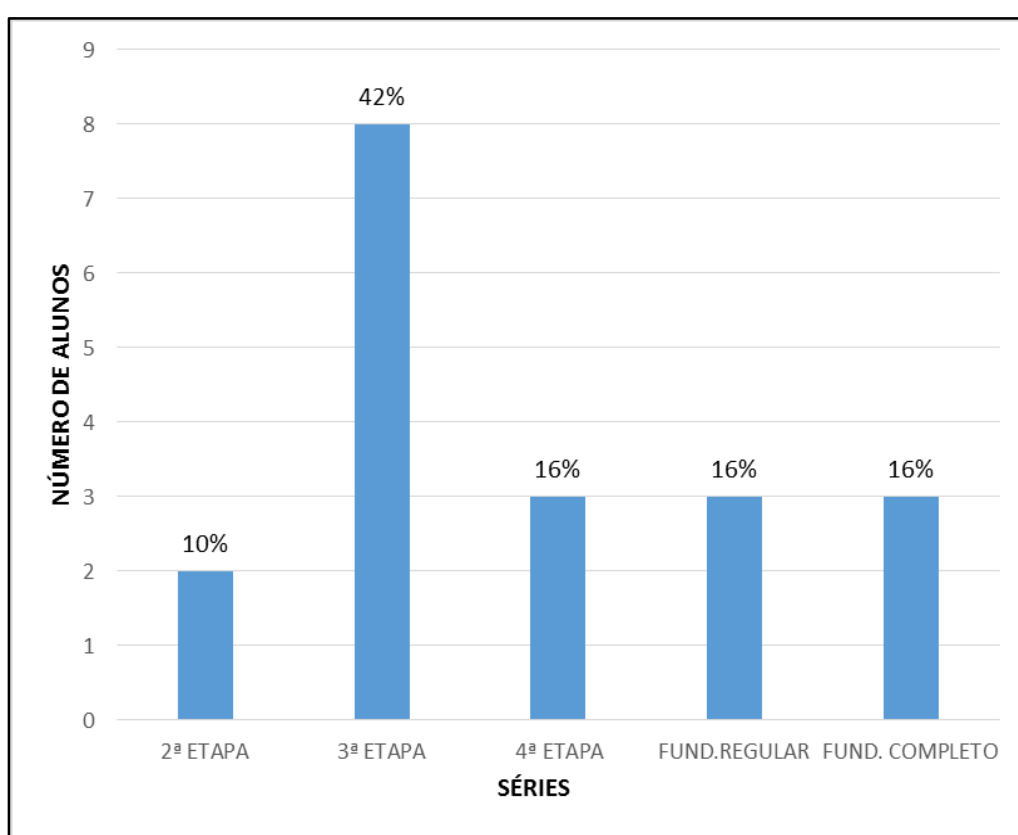
Entretanto, é importante ressaltar que embora o campo de produção de dados para a pesquisa contemplada neste trabalho tenha sido a Escola Rosália Pinheiro, a apresentação da pesquisa, bem como a apresentação de seu objetivo para os professores que participaram como sujeitos da pesquisa, ocorreu em outro local, tendo em vista que esses professores acabaram entregando as turmas da 3ª e 4ª etapa da EJA logo no início do ano letivo de 2015, especificamente entre o meio do mês de abril para o início do mês de maio, devido o desconforto que estava havendo na relação professor-aluno por conta de algumas situações conflituosas vivenciadas, até então, por alguns professores.

Pode-se considerar que outro fator importante no desenvolvimento e expectativas para este trabalho, além da realidade complexa enfrentada pela comunidade escolar e percebida pela comunidade onde a escola está inserida, deveu-se também ao Estágio em Pedagogia não escolar realizado no Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS), onde foi possível observar, a partir do

Programa de Medidas Socioeducativas (MSE) que a maioria dos adolescentes assistidos neste programa social, são alunos ou ex-alunos (evadidos) da EJA.

Nesta perspectiva, o gráfico a seguir visa elucidar a realidade, de forma quantitativa, da relação de adolescentes assistidos pelo programa de Medidas Socioeducativas no CREAS/Castanhal, em consonância com a série escolar que esses adolescentes possuem.

Gráfico 1: Relação quantitativa de adolescentes do Programa (MSE) e suas respectivas séries escolar.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor de acordo com informações disponibilizadas pelo CREAS – Castanhal.

Diante disto, o estágio em Pedagogia não escolar também colaborou com a identificação de prováveis turmas, com relação as suas séries, que mais apresentam dificuldades e conflitos com a justiça por conta de fatores que revelam a violência.

Nesta perspectiva, a pesquisa acerca da violência escolar justifica-se pelo fato deste ambiente, neste caso a escola, configurar-se na instituição profissional a qual estaremos inseridos futuramente, sendo neste sentido, nosso objeto de estudo e de

trabalho. Deste modo, visa-se compreender as consequências no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos envolvidos em contextos violentos, buscando contribuir positivamente a partir de discussões que podem ser levantadas acerca das práticas docentes.

É importante frisar que esta pesquisa busca contribuir positivamente tanto com a comunidade acadêmica quanto com a sociedade em um modo geral, considerando que a partir da mesma torna-se possível o reconhecimento das necessidades e fragilidades nos órgãos públicos de ensino, atentando com isso para novas práticas de políticas sociais que possibilitem uma melhoria acerca do problema posto em questão na pesquisa.

Este trabalho também visa colaborar para os estudos científicos acadêmicos no que diz respeito as análises que poderão ser realizadas a partir da mesma, visto que o problema abordado aqui, possui caráter prospectivo e proporciona um debate importantíssimo acerca de um fenômeno que evolui consideravelmente no mundo inteiro, que é a violência, especificamente no que diz respeito ao ambiente escolar e às relações sociais internas desse ambiente.

Sendo assim, a pesquisa tende a possibilitar grandes contribuições para toda a sociedade, já que disponibiliza a identificação de alguns problemas que existem na mesma juntamente com discussões e propostas que visam respectivamente uma compreensão e amenização desses problemas, levando em conta que o assunto da pesquisa deve ser compreendido como um fator social que merece profunda atenção, haja vista que é uma manifestação negativa que vem se desenvolvendo e ameaçando a sociedade de maneira geral.

Dessa forma, este trabalho tem como principal objetivo analisar a interferência que a violência pode causar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e no desenvolvimento da prática docente dos professores. Sendo que nesta perspectiva, o mesmo visa compreender o fenômeno violência a partir das análises bibliográficas utilizadas neste trabalho, buscando abordar sobre as diferentes manifestações que este fenômeno apresenta diante do contexto escolar; identificar com base no arsenal teórico abordado neste trabalho os principais tipos de violência social que relacionam-se a questão da violência escolar; e verificar por meio de observações na fala dos sujeitos participantes da pesquisa as formas ou tipos de violência mais frequentes na escola Rosália Pinheiro.

Desta maneira, no decorrer deste trabalho estaremos discutindo a violência escolar por meio da visão de alguns estudiosos que já debatem sobre este tema, realizando na primeira seção a nossa pesquisa bibliográfica, sob o título *Abordagem Teórica: Violência no Ambiente Escolar*, onde busca-se ressaltar as concepções de grandes pesquisadores que consideram relevantes as análises acerca da violência no ambiente escolar, destacando-se autores como Abramovay e Rua (2002, 2003), Charlot (2002), Priotto e Boneti (2009), Sposito (2001, 2002), dentre outros que apresentaram discursos preponderantes aos objetivos deste trabalho. Sendo que nesta seção, estaremos apresentando, a partir do subitem *Classificações de Violência*, as definições de alguns tipos de violência social que relacionam-se direta ou indiretamente a violência no ambiente escolar. Além de ressaltarmos os *Principais tipos de Violência presentes nas escolas*, com base no arsenal teórico adotado em nossa pesquisa bibliográfica.

Em seguida, na segunda seção, estaremos apresentando a *Trajetória Metodológica* abordada neste trabalho com o objetivo de detalhar minuciosamente o caminho traçado no desenvolvimento desta pesquisa. Nesta, será apresentada os sujeitos participantes da pesquisa, os instrumentos de produção e de análise dos dados produzidos e uma breve descrição da comunidade onde a escola campo de pesquisa está localizada, especificando de forma precisa o ambiente escolar quanto sua estrutura física.

E na terceira e última seção deste trabalho, sob o título *Estudo de Caso numa Escola Municipal do Distrito de Americano/Santa Isabel – PA: A violência contra Professores*, buscaremos apresentar a produção e a análise dos dados produzidos na pesquisa de campo, onde traremos a fala ou respostas dos sujeitos da pesquisa juntamente com as análises e referencial teórico que contemple as expectativas de nosso estudo.

1. Abordagem Teórica: Violência no Ambiente Escolar.

Esta primeira seção visa traçar uma discussão acerca de concepções da violência no ambiente escolar, bem como os principais tipos de violência presenciados nas escolas. Deste modo, optou-se trazer a contribuição de alguns autores estudiosos do tema em tela, tais como: Abramovay (2002), Abramovay e Rua (2002, 2003), Sposito (2001, 2002), Gonçalves e Sposito (2002), Crepaldi (s/d), Priotto e Boneti (2009) dentre outros que durante a revisão teórica desta pesquisa, demonstraram-se relevantes à contemplação deste trabalho.

A violência constitui-se num fenômeno social extremamente complexo, haja vista que manifesta-se de variadas formas nas relações sociais. Segundo Sposito (2001), no Brasil, os estudos realizados acerca da violência no meio escolar começaram a repercutir a partir da década de 80, quando a sociedade começou realizar reivindicações voltadas para as incidências de violência no ambiente escolar.

Entretanto, vale ressaltar que esses estudos ganharam mais ênfase a partir da década de 90, visto que até então as eventuais reivindicações centravam-se apenas nas questões estruturais das escolas, como se apenas construções pudessem resolver um problema eminentemente social que parte das ações particulares de cada pessoa, como é o caso do fenômeno da violência.

As reivindicações dirigidas aos primeiros governos eleitos pelo voto popular, no início dos anos 1980, reuniram professores, alunos e pais que buscavam melhores condições de funcionamento das unidades escolares. As respostas, em geral, resultavam em algumas medidas como: policiamento nas áreas externas, zeladorias, muros, iluminação nas áreas externas e pátios escolares, grades em janelas, portões altos, etc. (SPOSITO, 2001, p. 90).

No entanto, percebe-se que essas reivindicações restringiam-se principalmente às prevenções no que condiz as características estruturais do ambiente escolar, tais como a estrutura física da escola. Esta concepção também configura-se de suma importância na representação dos direitos sociais do Cidadão Brasileiro, caracterizado numa educação de qualidade, escolas bem estruturadas

providas também de segurança, higienização e respeito. Mas, para que tudo isso aconteça, é necessário a reflexão das ações no interior das escolas, visto que não basta termos apenas ambientes de qualidade se não desenvolvemos ensino, relações e construções positivas e de qualidade por meio de nossas práticas. E quando falamos em prática, referimo-nos não somente a prática docente de professores, equipe gestora e pedagógica, mas também as práticas de relacionamento dos próprios alunos.

No Brasil, foi durante a década de 90 que aumentaram-se as preocupações referentes a violência em meio escolar. Essas preocupações originaram-se devido os conflitos percebidos tanto no exterior das escolas como aqueles que são oriundos das relações internas ao ambiente escolar.

No Brasil, durante os últimos vinte anos, as políticas públicas de redução da violência em meio escolar têm se originado, sobretudo, na esfera estadual e municipal. Apesar de expressarem iniciativas muitas vezes fragmentadas e descontínuas, já existe um considerável acúmulo de experiências dessas políticas que demandam estudos sistemáticos para avaliar sua eficácia e proporcionar elementos para a formulação de novas orientações (GONÇALVES; SPOSITO, 2002, p. 102).

Desta forma, segundo Sposito (2001, p. 90) essas reivindicações tratam-se “[...] de uma concepção de violência expressa nas ações de depredação do patrimônio público, especialmente, e, em menor grau, no medo da invasão dos prédios por adolescentes ou jovens moradores, aparentemente sem vínculo com a unidade escolar.”

Deste modo, percebe-se que a violência escolar é um fator social negativo que vem evoluindo consideravelmente no mundo inteiro, tornando-se um fenômeno de extrema importância, que necessita de uma profunda atenção no que diz respeito as medidas que devem ser tomadas para o seu devido controle. Esse fenômeno vem atingindo e ameaçando comunidades escolares do mundo inteiro, sejam estas escolas pertencentes a rede pública ou a rede particular de ensino.

Segundo Gonçalves e Tosta (2008), que trabalham a dinâmica da violência escolar em um foco sociológico,

O debate sobre violência e violência na escola é por demais importante na atualidade, seja em razão dos índices alarmantes que denunciam o crescimento dos atos violentos acometidos ou que acometem as mais diversas camadas da população, em nível mundial, seja em razão da perplexidade que acomete estudiosos do fenômeno (GONÇALVES; TOSTA, 2008, p. 07).

Pode-se dizer que a violência não é uma característica apenas de países ou populações pobres, pois esta está presente de diversas maneiras nas sociedades em geral, manifestando-se não somente por agressões físicas, mas também por palavras ofensivas e/ou brincadeiras que causam constrangimentos às “vítimas”.

E como bem sabemos os Estados Unidos da América (EUA), sendo um país desenvolvido, é onde mais se observa a presença de acontecimentos referentes ao *bullying*, que também não deixa de ser uma violência, violência esta que está se tornando uma prática comum em muitas escolas.

Esse quadro agrava-se quando há o reconhecimento de que a violência em meio escolar, principalmente nas escolas da rede pública, não é fenômeno recente, tendeu a se agravar e gerou, inclusive, um significativo ceticismo quanto às possíveis soluções. Por outro lado, verifica-se também que esse tipo de problema não é privilégio de países pobres, pois atinge, de formas diversas, países desenvolvidos (SPOSITO, 2002, p. 72).

Mediante a isto, pode-se observar que para Sposito (2002), a violência observada nas escolas e em suas proximidades é decorrente do aumento da criminalidade e do incremento da violência social nas cidades. Sendo que é esta a modalidade que mais vem amedrontando pais, alunos e professores, visto que os delitos e práticas criminosas que afetam a sociedade no dia-a-dia são as mesmas que ameaçam a escola em seu interior.

Dessa maneira, considerando a violência escolar como um fenômeno social que vem atingindo e ameaçando comunidades escolares de todo o mundo, e como bem citamos, escolas pertencentes a rede pública e particular de ensino, faz-se necessário desmistificar a ideia de que somente pessoas pertencentes aos grupos

sociais desprovidos de boa condição financeira, desfavorecidos culturalmente pela visão da maioria da sociedade são os responsáveis pela disseminação de conflitos na sociedade e violência no ambiente escolar.

De acordo com Crepaldi (s/d), em uma entrevista feita à *Revista o Professor*, a autora nos afirma, com base em suas pesquisas e estudos acerca da violência escolar, que “[...] toda semana são noticiados casos de violência nas escolas brasileiras. Infelizmente, o problema não é um exagero criado pela mídia, mas sim uma realidade enfrentada diariamente por milhares de professores das redes pública e privada” (CREPALDI s/d, *Revista o Professor*).

Consecutivamente a respeito disso, Sposito (2002, p. 73-74) também nos traz sua contribuição ao afirmar que “Parte das ocorrências resulta das práticas cotidianas de discriminação, preconceito, da crise da autoridade do mundo adulto ou da fraca capacidade dos profissionais de criar mecanismos justos e democráticos para a gestão da vida escolar”.

Mediante a isto, entende-se que os sentimentos de injustiça, de exclusão e a falta de perspectivas ou significados positivos com relação a escolaridade, constituem-se na raiz desses episódios de violência que são observados frequentemente nas escolas e na sociedade como um todo.

Assim, compreende-se que a violência percorre por todas as camadas sociais, não restringindo-se somente a pobreza, sendo que um dos fatores que mais favorece esse fenômeno é a utilização de drogas, incluindo o álcool, que é uma das drogas mais comuns em nossa sociedade.

É possível perceber que existe uma preocupação com relação ao combate da violência na sociedade, no entanto, o poder público tem demonstrado dificuldade no enfrentamento desse problema. A respeito disso, Velho (2002) ressalta que

[...] A sociedade civil por si só, é insuficientemente organizada para enfrentar desafios e criar alternativas para o enfrentamento da violência. Só o estado reformado e renovado, incluindo o legislativo, pode dispor meio e recursos, articulando a opinião pública para reverter essa ameaça de colapso (VELHO, 2002, p.126).

A violência está presente na trajetória das relações sociais, de modo que a escola, bem como outras instituições estão cada vez mais vulneráveis a esse

fenômeno. É importante ressaltar que este fenômeno possui a capacidade de atingir e destruir vários tipos de relações, seja familiar, conjugal, relações de amizade e até mesmo entre professores e alunos. E isto pode acarretar consequências negativas, tais como a destruição dos vínculos sociais nas relações.

Dessa forma, torna-se possível dizer que a problemática que cerca este fenômeno, que é a violência, é um fator social que está presente atualmente nas diversas sociedades do mundo e deve ser analisado por meio de uma visão crítica, que valorize a importância de se buscar resolver realmente este problema que vem ameaçando de inúmeras formas todas as sociedades.

De acordo com Marra e Tosta (2008), a violência como fenômeno social não é algo estranho, haja vista que a mesma pode ser caracterizada como um fenômeno histórico. Porém, o que surpreende é a reprodução dessa violência de maneira explícita e ameaçadora no interior da escola, que acaba pondo em risco a integridade física e psicológica das pessoas que nela se encontram direta ou indiretamente.

Mediante a isto, cria-se um pensamento contraditório com relação a função da escola na sociedade, tendo em vista que a sua real finalidade está ligada diretamente com o processo de socialização entre as pessoas, educação e respeito para com o próximo, pois a escola é um espaço de formação da ética e da moral dos sujeitos que ali estão inseridos, sejam eles alunos, professores ou demais funcionários.

Segundo Libâneo (2006), a escola deve visar a construção do cidadão por meio de um processo de ensino humanitário, deste modo, ele nos diz que

A questão central da Pedagogia é, portanto, a formação humana mediante a qual os indivíduos adquirem aquelas características humanas necessárias para a vida em sociedade, considerando uma realidade sempre em mudança. Mas trata-se da formação humana de sujeitos concretos, com suas condições físicas, emocionais, intelectuais, sociais, culturais, vivendo num determinado contexto sócio-cultural hoje visto na relação entre o global e o local, entre o homogêneo e o diverso, entre o individual e o comunitário (LIBÂNEO, 2006, p. 27-28).

Neste sentido, é importante que se considere a realidade e o contexto social da comunidade onde a escola está inserida, considerando a realidade e a subjetividade

do público que a escola atende, seja com relação aos aspectos econômicos e sociais, seja com a relação a cultura.

Apesar da violência no ambiente escolar não se constituir na questão de um fenômeno novo e recente para a sociedade, é possível observarmos que há uma imensa dificuldade em compreender as causas desses acontecimentos, visto que podem ser inúmeros ou não, os motivos capazes de fazer com que as pessoas tomem atitudes de caráter violento. Pode-se observar que para Crepaldi (s/d), em entrevista à *Revista o Professor*, não constitui-se em tarefa fácil apontar as causas que provocam a violência escolar, pois, segundo a autora

Apontar as causas para a violência no ambiente escolar é uma tarefa árdua, que demanda uma grande quantidade de informações, estatísticas, pesquisas e, até mesmo, suposições. Problemas familiares, de relacionamento, baixa autoestima, falta de segurança, drogas, pouca participação dos familiares, exclusão social, entre outras, são algumas das possíveis origens para a violência. Na realidade, situações violentas no âmbito escolar espelham os problemas sociais e o clima violento presentes no País e no mundo (CREPALDI, s/d, *Revista o Professor*).

Para a autora, a dificuldade em resolver o problema da violência nas escolas diz respeito a falta de pensamento crítico, pois para resolver este fato, é necessário esvaziarmo-nos da mera indignação moral, que toma as pessoas por meio de emoções passageiras, que são provocadas devido a acontecimentos violentos que são apresentados pela mídia, ou são presenciados não tão distante pelas próprias pessoas, visto que essas emoções passam e as pessoas esquecem. Assim, torna-se necessário observar e analisar este problema através de diversos ângulos, sendo que “[...] é preciso dialética, racionalidade, determinação e, sobretudo, a união de todos” (CREPALDI, s/d, *Revista o Professor*).

É importante frisar, que os estudos acerca das questões de violência no ambiente escolar consideram relevantes as análises sobre a comunidade onde a escola está inserida, visto que a violência pode ser considerada reflexos dos problemas que a sociedade enfrenta diariamente.

A respeito disso, Priotto e Boneti (2009) nos dizem que

Existem estudos que consideram a violência escolar analisando-a a partir de questões geográficas, como é o caso de situações semelhantes às vivenciadas hoje, como escolas próximas de favelas com o predomínio do tráfico de drogas e do crime organizado. Outros situam a questão à fase da adolescência e às questões comportamentais dos alunos nesta faixa de idade, ressaltando-se as agressões. Outros ainda associam os pequenos delitos, como furtos dentro da escola, às características das incivilidades e do processo de crescimento econômico e social. Com isso, percebe-se a preocupação de professores e diretores, preocupados com as possíveis invasões e depredações ao patrimônio público, na busca de uma gestão mais democrática com a participação de pais e alunos para amenizar os possíveis conflitos existentes (PRIOTTO; BONETI, 2009, p.163).

Percebe-se que os estudos realizados sobre a violência no ambiente escolar perpassam inúmeras questões sociais ligadas diretamente as análises da realidade social, política, econômica e cultural que envolvem a construção reflexiva dos sujeitos que integram uma determinada comunidade ou ambiente. Neste sentido, ainda de acordo com Priotto e Boneti (2009),

[...] a violência pode ser entendida como uma ação diretamente associada a uma pessoa ou a um grupo, a qual interfere na integridade física, moral ou cultural de uma pessoa ou de um grupo, mas também esses efeitos podem ser provocados por acontecimentos e/ou mudanças radicais ocorridas na sociedade atingindo negativamente os indivíduos ou a coletividade em relação aos laços de pertencimentos, dos meios e condições de vida, etc. (PRIOTTO; BONETI, 2009, p. 162).

Assim, Priotto e Boneti (2009), nos trazem sua contribuição com relação as definições da violência escolar ao ressaltarem que este fenômeno configura-se em “[...] todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre, a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar” (PRIOTTO; BONETI, 2009, p. 162-163).

Abramovay e Rua (2002) classificam o fenômeno como violência na escola, e os pesquisadores Priotto e Boneti (2009) referem-se ao fenômeno como violência

escolar, considerando que esta denominação é mais abrangente por englobar violência na, da e contra a escola. Sendo que a violência escolar para Priotto e Boneti (2009) e a violência na escola para Abramovay e Rua (2002) pode se expressar através dos seguintes eventos:

- a) violência Física: de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios. Além das diversas formas de agressões sexuais;
- b) agressão Física: homicídios, estupros, ferimentos, roubos, porte de armas que ferem, sangram e matam.
- c) violência Simbólica: Verbal - abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade; Institucional – marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder;
- d) violência Verbal: incivildades (pressão psicológica), humilhações, palavras grosseiras, desrespeito, intimidação ou “bullying” (PRIOTTO; BONETI, 2009, p.165-166).

Observa-se que atitudes como ofender, ignorar, excluir, ferir, humilhar, sempre foram encontradas nas escolas, não importando se de ensino público ou particular, se de ensino fundamental ou médio. O fenômeno tem-se estendido cada vez mais para as séries iniciais e acaba muitas vezes por sair da escola e invadir a vida pessoal, através de mensagens pela Internet e celulares (PRIOTTO; BONETI, 2009).

1.1 Classificações de Violência

São vários os tipos de violência presentes na sociedade que podem refletir diretamente no ambiente escolar, haja vista que este constitui-se também num ambiente eminentemente social. De acordo com Westphal (2002, Apud. MENDES, 2011), a classificação quanto aos tipos de violência pode dar-se da seguinte maneira:

1.1.1 Violência Doméstica – esse tipo de violência abrange outras violências que podem ocorrer no contexto familiar, tais como a violência física, verbal, sexual e psicológica ou emocional.

Deste modo, a violência doméstica sofrida por crianças e jovens acaba excedendo o ambiente familiar e refletindo na dimensão do espaço escolar. Sendo que a principal consequência é a interferência no desenvolvimento do processo social, afetivo e até mesmo cognitivo dessas crianças e adolescentes, haja vista, que estes deparam-se diante de referências negativas que não contribuem, em alguns casos, para a construção de uma identidade social positiva.

A respeito dessa problemática e de sua inserção, de forma indireta, no ambiente escolar, Abramovay (2002) nos diz que:

“A violência doméstica seria um elemento desencadeador do que poderia ser denominada cadeia de violência ou reprodução de violência. Pais e mães violentos que tem filhos como suas vítimas, que por sua vez, se tornam violentos, fazendo outras vítimas” (ABRAMOVAY, 2002, p. 51-52).

1.1.2. Violência Física – pode ser evidenciada em diversos espaços, incluindo o familiar. Ocorre com crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, isto é, pode acontecer contra qualquer pessoa, independente de condição física, social, racial, econômica, política e cultural.

Nesse tipo de violência, afeta-se diretamente a integridade física da vítima, sendo que as agressões ocorrem por meio de murros, socos, tapas e surras. E em alguns casos, há a utilização de instrumentos perigosos para a efetivação das agressões (faca, canivete, vidro, estacas de madeira e até revolver).

1.2.3. Violência Sexual – violência praticada contra crianças, adolescentes, jovens e outros. O agressor usa seu poder sobre a vítima para satisfazer desejos de cunho sexual, sendo que devido as vítimas sofrerem ameaças constantemente, muitos casos não são denunciados.

Na maioria dos casos, os agressores são os próprios pais, padrastos, tios, avôs, companheiros das avós, primos, vizinhos ou alguém próximo do círculo familiar, denominando-se como casos mais raros a agressão por estranhos (CREAS/Castanhal, 2015).

1.1.4. Violência Psicológica ou agressão emocional – É possível considerar que este tipo de violência está presente também na violência sexual, haja vista, que a violência psicológica causa marcas e traumas profundos nas vítimas assim como a violência sexual. Desta forma, ambas proporcionam a incapacidade de reação das vítimas por conta do medo propagado pelos agressores. É importante ressaltar que a violência sexual sempre contempla a violência psicológica, mas nem sempre a violência psicológica contempla a violência sexual.

De acordo com Mendes (2011), algumas das características demonstradas pelas vítimas é o isolamento, depressão, baixa auto-estima, perda da autonomia, agressividade e o silêncio, que acabam interferindo no bom relacionamento interpessoal das vítimas.

1.1.5. Violência Simbólica – este tipo de violência acontece de maneira implícita nas relações interpessoais. No ambiente escolar, ela acontece entre alunos, entre professores, entre alunos e professores, como também com pessoas que fazem parte da comunidade escolar como um todo.

A respeito desse tipo de violência, Abramovay e Rua (2003) afirmam que:

[...] a violência simbólica é exercida por muitas vezes de forma sutil, sem necessariamente ser vista como violência por quem sofre, ou seja, quando a vítima não se dá conta de sua impotência frente a poderes, nem exerce sua capacidade crítica com relação a tal dinâmica. [...] quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse, quando os professores não se esforçam pela qualidade de suas aulas e não respeitam seus alunos, desvalorizando com palavras e atitudes de desmerecimento. Refere-se também à violência sofrida por professores quando são agredidos em seu local de trabalho e em sua identidade profissional, pelo desinteresse e indiferença dos alunos [...] (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p. 80).

Mediante a isto, a violência simbólica que ocorre no cotidiano da escola e evidenciada geralmente entre alunos e alunos e professores, acaba tornando-se um dos tipos de violência mais difícil de ser enfrentada, tendo em vista que em muitos casos a vítima não percebe tal situação. E algumas de suas principais características são indiferença, desrespeito e a exorbitante forma de querer impor opiniões.

1.1.6. Violência Verbal – Caracteriza-se por um tipo de agressão que ocorre essencialmente pela fala, por meio de palavras grosseiras de caráter até mesmo sexista, que é quando há humilhação relacionada a associação de características referentes ao sexo de determinados grupos. De acordo com Blin (2005) algumas expressões que caracterizam atitudes sexista são: “gay”, “ela deve estar naqueles dias”, “você é um frouxo” etc. Entre os alunos, este tipo de violência é bastante comum e realiza-se a partir dos apelidos impostos uns aos outros, neste caso o bullying. Sendo que quando se trata deste tipo de violência ser realizado contra professores, as ofensas ocorrem principalmente por meio de palavras de cunho sexista.

Em um primeiro momento, essas ocorrências menos severas como xingamentos, desaforos ou agressões verbais em geral são pensadas mais como precursores de ocorrências graves, do que como práticas violentas em si. Quando se limitam ao enfrentamento verbal podem se resolver pelo diálogo e negociação. Em outros casos, mesmo começando com troca de ameaças, desaforos, ofensas ou provocações, agravam-se até chegar às agressões físicas, que requerem, muitas vezes, o envolvimento da polícia (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p.236).

1.2 Principais tipos de Violência presentes nas Escolas

Com base nos referenciais teóricos abordados nesta pesquisa, pode-se dizer que o principal tipo de violência vivenciado no interior das escolas é a Violência Simbólica, que engloba atitudes de caráter silencioso, de indiferença e preconceito. Esse tipo de violência pode se voltar tanto contra alunos quanto contra professores, gestão escolar e comunidade escolar como um todo.

Forma de violência simbólica (abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade); verbal; e institucional (marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder) (ABRAMOVAY, 2002, p.74).

De acordo com Abramovay e Rua (2002) são muitos os tipos de violência analisados nas literaturas de pesquisadores do mundo todo. Na literatura norte-americana, o olhar sob a questão da violência no meio escolar é voltado especificamente para as “gângues, xenofobias e bullying”, sendo este último considerado o mais frequente nas escolas, especialmente entre os alunos.

Vale ressaltar, ainda de acordo com as autoras, que a violência é analisada por muitos autores internacionais, como Dupâquier (1999) e Peralva (1997) como questões de incivilidade escolar, o que remete-se a “[...] violência, e mais referido como agressividade ou padrões de educação contrários às normas de convivência e respeito para com o outro” (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 74).

Neste sentido, considerando alguns estudos realizados nas escolas da França, Dupâquier (1999), refere-se as incivildades como:

[...] delitos contra objetos e propriedades, como estragos em caixas de correspondência, quebra de portas e vidraças, danificação das instalações elétricas, elevadores, móveis e equipamentos, prédios e veículos. Ressalta o comum quanto à danificação proposital de cabines telefônicas e até a provocação de incêndios e pichações. As incivildades contra pessoas podem tomar a forma de intimidações físicas (empurrões, escarros) e verbais (injúrias, xingamentos e ameaças) (DUPÂQUIER, 1999 apud ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 74).

Essa realidade tensa pela qual a comunidade escolar tem tido a desagradável honra de vivenciar está afetando diretamente a integridade moral tanto de alunos quanto de professores. Apesar da mídia apresentar na maioria dos casos a violência contra a integridade física dos indivíduos é a violência verbal e simbólica que mais tem ameaçado alunos e professores. Neste sentido, Crepaldi (s/d) nos afirma que:

Apesar de a violência física estampar um número muito maior de manchetes, é a violência moral que mais assusta aos professores de todos os níveis de ensino, desde o Infantil ao Superior. Xingamentos, gestos obscenos, perturbações, indisciplina. Problemas que atrapalham o andamento das atividades pedagógicas e os

relacionamentos dentro da escola. Os casos de bullying – a violência moral entre os próprios alunos – também chocam educadores e familiares (CREPALDI, s/d, Revista o Professor).

É possível observar que há inúmeras formas de violência no mundo, são várias as maneiras que uma pessoa pode agir para agredir fisicamente ou não outra pessoa. Nas escolas isso também não é diferente. De acordo com Abramovay (2009), a “microviolência” é um dos tipos de violência mais comum nas escolas brasileiras. Esse tipo de violência se manifesta no cotidiano das relações sociais por meio de xingamentos, insultos e afrontas entre alunos, alunos e professores e professores entre si. Outra violência é a “simbólica”, que apesar de não ser uma violência física, carrega um estigma social negativo, já que pode provocar consequências graves nas relações de amizade e no processo de aprendizagem dos indivíduos.

A violência simbólica constitui-se na simbolização de “poder, racismo, homofobias, discriminação contra mulheres, preconceitos contra as pessoas mais pobres [...]” (ABRAMOVAY, 2009, p.?).

A violência no cotidiano das escolas se reflete nas representações que os alunos fazem sobre a escola. Muitas vezes eles apresentam significados contraditórios e distintos sobre seu papel. Por um lado, a escola é vista como um lugar para a aprendizagem, como caminho para uma inserção positiva no mercado de trabalho e na sociedade, por outro, muitos alunos consideram a escola como um local de exclusão social, onde são reproduzidas situações de violência e discriminação (física, moral e simbólica). Apesar disso, grande parte dos jovens apresenta uma visão positiva sobre a escola, o estudo e o ensino. (ABRAMOVAY, 2002, p.75).

Essa situação, a qual abramovay (2002) faz alusão, institui-se numa ocorrência não obstante da realidade escolar. Haja vista, que devido a escola constituir-se num espaço imprescindivelmente social, ela possui a função de acolher as diferenças, seja com relação aos aspectos físicos, seja com relação as desigualdades intelectuais, ressaltando-se aqui as divergências de opiniões, valores e personalidades. Neste sentido, além da escola cumprir a função de acolher a todos, ela também precisa criar

estratégias de interação com a comunidade escolar, buscando integrar nessas estratégias, características essencialmente justas e democráticas, trabalhando com valores éticos e contribuindo para a formação da cidadania de todos os atores da comunidade escolar.

2. Trajetória Metodológica

Nesta seção busca-se apresentar os sujeitos participantes da pesquisa realizada neste trabalho, bem como os instrumentos utilizados para a produção de dados da pesquisa. Em seguida, é realizada uma breve apresentação da comunidade onde a escola está inserida e do ambiente escolar.

2.1 Sujeitos da Pesquisa

A produção de dados da pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Rosália Pinheiro” localizada no Distrito de Americano/Santa Isabel - PA, especificamente no turno da noite com professores que trabalham com a modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA). Esta seleção deveu-se ao fato de que a alguns meses atrás alguns professores haveriam entregado as turmas da 3ª e 4ª etapas da EJA por conta de eventuais situações de conflito que ocorrera na escola, especificamente contra os professores. Desta forma, os sujeitos da pesquisa foram três professores, o diretor e o vice-diretor da referida escola. Fariam parte também, como sujeitos da pesquisa, a coordenadora pedagógica da escola, alguns alunos e pais de alunos, contudo, não foi possível realizar a aplicação de questionários com esses dois últimos grupos devido os mesmos terem demonstrado intimidação ou vergonha de expor a opinião a respeito do assunto citado, no qual se trata da violência no ambiente escolar, em especial contra os professores.

Já com relação a coordenadora pedagógica, pode-se dizer que a mesma aceitou participar da pesquisa, sendo que também optou pela resolução do questionário, ressaltando a “correria” com relação as atividades da escola. Entretanto, no primeiro agendamento para a devolução do questionário por parte da equipe gestora, somente o vice-diretor entregou o questionário respondido.

O diretor e a coordenadora pedagógica marcaram outros dias, sendo que foram várias as vezes que fui à escola com a expectativa de receber o questionário de ambos os participantes citados acima. Porém, somente o diretor, depois de muita

persistência, entregou o questionário. Quanto a coordenadora, que sempre apresentava inúmeras desculpas, acabou não entregando o questionário.

Os grupos de sujeitos selecionados para a participação da pesquisa, isto é, professores e gestão escolar, foram orientados e informados sobre o que se tratava o trabalho e quais os objetivos do mesmo. E conforme a pedido da gestão escolar, referente ao sigilo com relação ao nome da escola, utilizamos o nome fictício “Rosália Pinheiro” sempre que a mencionamos neste trabalho.

Vale ressaltar que os sujeitos participantes receberam pseudônimos para a preservação de suas identidades, sendo que quando citados, foram mencionados pela sua função profissional na escola. Ex.: Diretor, Vice-diretor, Professora de Geografia, Professor de Ciências e Professora de Matemática.

A tabela a seguir visa ilustrar, de forma mais específica os sujeitos participantes da pesquisa, bem como sua função e o tempo de experiência na Escola Municipal Rosália Pinheiro, a qual configurou-se o campo de pesquisa deste trabalho.

Tabela 1: Sujeitos participantes da Pesquisa de campo.

PSEUDÔNIMO	FORMAÇÃO PROFISSIONAL	FUNÇÃO DESENVOLVIDA NA ESCOLA	TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA
Marta	Licenciatura Plena em Geografia	Professora de Geografia	Sete anos
José	Licenciatura em Biologia	Professor de Ciências	Quatro anos
Rosa	Licenciatura em Matemática	Professora de Matemática	Dois anos
Samuel	Licenciatura Plena em Pedagogia	Diretor	Quatro anos
Evaldo	Licenciatura Plena em Pedagogia	Vice diretor	Seis meses

Fonte: Elaborado pelo próprio autor conforme dados produzidos na pesquisa de campo.

2.2 Instrumentos de Produção de Dados

Para o desenvolvimento da pesquisa, que visa analisar a violência no ambiente escolar e em especial contra os professores, assim como a interferência deste tipo de violência no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e no desenvolvimento da prática docente dos profissionais em educação da Escola Municipal Rosália Pinheiro, optou-se trabalhar com um modelo de pesquisa qualitativa, bibliográfica e de campo, no que se refere ao processo de produção de dados para a realização da pesquisa.

A **pesquisa qualitativa** preocupa-se em investigar as relações interpessoais de pessoas ou grupos, valorizando o ambiente e a subjetividade dos sujeitos da pesquisa.

Segundo Godoy, “[...] hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (GODOY, 1995, p. 21).

Nesta perspectiva, considerando o problema da pesquisa, que está vinculado ao estudo de fenômenos naturais humanos, ou seja, a violência, a utilização do modelo de pesquisa qualitativa se torna mais adequado, tendo em vista que durante a execução desta, houve um constante processo de interação entre pesquisador e sujeitos pesquisados, incidindo na compreensão do fenômeno pesquisado a partir de sua realidade.

Essa abordagem qualitativa exige que se faça um levantamento de bibliografias e leituras que possam ajudar ao pesquisador, a partir de informações que contribuam com sua pesquisa, proporcionando-o a noção do nível de desenvolvimento do tema em questão, da relevância que ele possui e das dificuldades que poderá encontrar, com base nos autores que já discutem o tema.

A pesquisa bibliográfica é fundamentada nos conhecimentos de biblioteconomia, documentação e bibliografia; sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema de pesquisa (PÁDUA, 2004, p. 55).

Desta maneira, a pesquisa bibliográfica torna-se essencial para o bom desenvolvimento do projeto de pesquisa, pois é a partir dos levantamentos bibliográficos que o pesquisador pode firmar suas concepções com relação ao tema do projeto.

Utilizou-se também o modelo de **pesquisa de campo**, tendo em vista que o problema da pesquisa está centrado num foco investigativo que visa analisar a questão da violência escolar contra o professor, ressaltando a concepção destes acerca do fenômeno analisado, fazendo-se necessário o contato com os sujeitos da pesquisa para melhor compreender a realidade dos mesmos a partir do processo de verificação e observação da realidade no local da pesquisa. Este tipo de pesquisa está vinculado também à pesquisa qualitativa, que analisa de forma integrada os fenômenos investigados.

O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os 'atores' que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social (MINAYO, 1993, p. 61).

Deste modo, a pesquisa de campo contribui fortemente com a pesquisa pelo fato de aproximar o pesquisador dos sujeitos pesquisados. É nítida também a contribuição desse tipo de pesquisa quando se trata da observação dos fenômenos estudados, visto que a mesma busca focar exatamente na realidade dos fenômenos observados, sem desviar-se desta.

Para dar conta desse objeto adotou-se técnicas de abordagem de produção e análise de dados que foram selecionadas de acordo com o problema que a pesquisa visa analisar. Mediante a isto, as técnicas de abordagem utilizadas na pesquisa foram questionários e entrevista semiestruturada, sendo que só foi possível realizar a entrevista com a professora de matemática, enquanto que os demais participantes da pesquisa optaram pelo questionário devido a questões de incompatibilidade de horário e tempo.

Os **Questionários**, sendo "instrumento de coleta de dados que são preenchidos pelos informantes, sem a presença do pesquisador" (PÁDUA, 2004, p. 72), foram entregues individualmente aos sujeitos participantes da pesquisa, sendo

elaborado de acordo com as informações que se pretende obter das categorias investigadas.

Essa técnica foi adotada por conta da necessidade de conhecer a concepção dos professores a respeito da violência no ambiente escolar, em especial na sala de aula, principalmente no que diz respeito as suas angustias e ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos, podendo, a partir deste passo, analisar as atuais conturbações que envolvem a violência no ambiente escolar.

Com relação as concepções metodológicas de Pádua (2004), é possível observar que o mesmo considera que:

Na elaboração do questionário é importante determinar quais são as questões mais relevantes a serem propostas, relacionando cada item à pesquisa que está sendo feita e à hipótese que se quer demonstrar/provar/verificar. Isto quer dizer que o pesquisador deve elaborar o questionário somente a partir do momento em que tem um conhecimento razoável do tema proposto para pesquisa (PÁDUA, 2004, p. 72).

Nesta perspectiva, outra técnica selecionada foi a **entrevista semiestruturada**, adotada em vista da necessidade de se manter um diálogo entre o pesquisador e os sujeitos investigados para se chegar ao foco investigativo que se deseja atingir.

Segundo Pádua (2004, p. 70), “o pesquisador organiza um conjunto de questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal”.

Para auxiliar e confirmar a adoção das técnicas citadas acima optou-se a adoção da técnica de **Observação participante**, que “é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista” (CHIZZOTTI, 1991, p. 90).

Ou seja, o observador integra-se ao grupo com a finalidade de obter informações que possam contribuir com o desenvolvimento de sua pesquisa.

Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa (MINAYO, 1993, p. 70).

No entanto, esta técnica pôde ser realizada num período anterior ao período de início da pesquisa em si, pois, durante a realização do Estágio em docência na EJA, desenvolvido nesta mesma escola (Rosália Pinheiro) foi possível estar observando a realidade escolar, contudo, devido as exigências do estágio esta observação não ocorreu de um modo mais amplo, capaz de abranger o geral e o específico de cada turma, não configurando-se deste modo numa observação suficientemente extensa para os objetivos a princípio estabelecidos para esta técnica.

O relato acerca da experiência vivenciada no Estágio em docência na EJA será realizado na terceira seção deste trabalho, onde traremos as contribuições dos sujeitos participantes da pesquisa de campo por meio dos dados produzidos a partir das técnicas de abordagem para elaboração de dados, as quais foram utilizados o questionário e a entrevista semiestruturada.

É importante ressaltar que para a análise dos dados produzidos, utilizou-se a análise textual discursiva, onde buscou-se traçar uma discussão acerca das contribuições e falas dos sujeitos da pesquisa juntamente com alguns autores que discutem o tema referente a questão da violência escolar.

2.3 Localização da Escola/ Ambiente Escolar

A percepção da violência no contexto escolar possui vários aspectos, tais como a violência simbólica, emocional, verbal, física e institucional. Dessa forma, estudiosos deste fenômeno buscam definir conceitos de violência levando-se em consideração a população, isto é, a comunidade e o lugar onde a escola está situada.

Este tipo de análise é considerada uma variável exógena, definida pelas relações e situações que ocorrem no exterior da escola. A respeito disso, Abramovay e Rua (2002, p. 121), nos dizem que “As implicações da violência e suas diferentes manifestações no espaço escolar têm preocupado de forma especial toda a sociedade. Assim, para entender tal fenômeno torna-se indispensável conhecer o ambiente escolar, inclusive a partir de sua estrutura física”.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental “Rosália Pinheiro” foi fundada no ano de 1978, atualmente com 37 anos está localizada no Distrito de Americano, comunidade característica de uma população subsidiada essencialmente de uma economia rural.

A Vila de Americano possui 130 anos e é conhecida como a terra da “Farinha de Tapioca”, até então principal fonte de economia da maioria de seus habitantes. Essa realidade econômica e cultural da qual faz parte a construção social dessa comunidade acabou sofrendo inúmeras transformações no decorrer dos últimos anos, principalmente com a implantação do Sistema Penitenciário no Distrito de Americano.

A valorização cultural da sociedade foi perdendo espaço para uma visão preconceituosa, construída por pessoas que desconhecem a realidade social dessa comunidade, direcionando para esta conceitos pré-estabelecidos de discriminação. Tudo isso teve início devido a implantação do Sistema Penitenciário, que realmente colaborou para o enfraquecimento dos laços sociais culturais construídos ao longo de muitos anos e gerações.

Hoje, a comunidade da Vila de Americano conta com cerca de 20 mil habitantes, sendo que nestes últimos anos esse desenvolvimento demográfico deveu-se a imigração de familiares de presidiários. Todas essas transformações políticas, econômicas e sociais contribuíram para o incremento da criminalidade, principalmente por jovens e adolescentes que encontraram nas drogas uma equivocada forma de “liberdade” e independência financeira.

Nesta perspectiva, torna-se importante a realização da pesquisa acerca da violência escolar na Escola Rosália Pinheiro, devido esta acolher ao público que demonstra mais proximidade com a realidade descrita anteriormente. Já que é a única escola da vila de Americano que oferece a modalidade de Ensino para Jovens e Adultos (EJA).

Deste modo, com relação ao espaço físico da escola, foi possível observar que a mesma apresenta uma sala de secretaria, que acolhe o Diretor, Vice-diretor,

Coordenadora Pedagógica, uma Secretária e duas Auxiliares Administrativas. A escola apresenta também uma sala de professores, sendo aproximadamente 30 o número de professores que estão lotados na referida escola.

A mesma está composta por mais 10 salas, sendo 08 salas de aula, uma sala de vídeo e biblioteca e um laboratório de informática, sendo que há também o refeitório e a copa. Há quatro banheiros, sendo dois exclusivos para professores e funcionários da escola e dois para os alunos. A escola possui 10 funcionários de apoio, configurando-se em seis funcionárias de serviços gerais, sendo duas em cada turno e que são responsáveis pela merenda e limpeza da escola, duas porteiras que dividem-se no turno da manhã e tarde e dois vigias que possuem também a função de porteiro no turno da noite.

Com base nessas informações que foram obtidas com o auxílio da gestão e coordenação pedagógica, pode-se considerar que a escola possui aproximadamente cerca de 46 funcionários, incluindo os de apoio, professores, secretariado e gestão escolar.

Vale ressaltar que a escola está localizada numa das principais ruas da Vila de Americano, contudo, a parte de trás da mesma está voltada para uma invasão, considerada uma das áreas mais perigosas e onde há também o efetivo uso e tráfico de drogas. A escola possui muros em todo seu entorno, porém, o muro de trás possui danificações em sua estrutura, tornando-se possível o acesso de pessoas à escola por este caminho.

3. Estudo de Caso numa Escola Municipal do Distrito de Americano/Santa Isabel

- PA: A violência contra Professores

Nesta seção realizaremos as análises dos dados produzidos na pesquisa de campo, na qual desenvolveu-se na escola Rosália Pinheiro, afim de se traçar uma discussão acerca da violência contra os professores com base na experiência vivenciada por alguns deles, especificamente três professores, o diretor e o vice-diretor da referida escola, os quais participaram como sujeitos da pesquisa.

No entanto, torna-se importante relatar a experiência vivenciada durante o *Estágio em docência na EJA*, citado na seção anterior, especificamente na subseção 2.2, que retrata os instrumentos de produção de dados da pesquisa realizada para este trabalho.

Dessa forma, durante a realização do Estágio na EJA, foi possível vivenciar uma experiência relacionada ao fenômeno analisado neste trabalho, no qual destaca-se a violência no ambiente escolar. Até então, não havia percebido que o que acontecera no estágio configurava-se num tipo de violência escolar, visto que somente agora, através dos estudos realizados até o presente momento, tornou-se perceptível a presença deste fenômeno naquela situação.

O fato supracitado, pode ser relatado da seguinte maneira: Durante uma das aulas com a turma da 1ª etapa da EJA, um dos alunos que não demonstrava interesse pela aula, levantou-se de sua cadeira durante a explicação do assunto e ficou mexendo nos meus materiais que encontravam-se encima da mesa dos professores. Após pedir-lhe que viesse a prestar atenção na aula, ele voltou para sua cadeira e disse que eu só explicava para os outros alunos e não pra ele. Deste momento em diante, o aluno não falou mais comigo, ignorando-me a todo momento.

No dia seguinte, que foi também o último dia do estágio, o aluno foi para aula e não dirigiu-me uma só palavra. Os outros alunos diziam que ele era assim mesmo, que as vezes ele não falava com ninguém, que não havia necessidade de se preocupar.

Essa ocorrência vivenciada no estágio configurou-se, a princípio, numa situação conflituosa, já que gerou um incomodo emocional. Contudo, não a caracterizaria como violência se não houvesse estudado sobre este tema, visto que não houve agressão verbal ou física por parte do aluno. Com relação as situações de

conflitos, Blin (2005), em sua obra *Classes difíceis*, considera-o como algo que pode vir a ser positivo ou negativo na construção social dos sujeitos, sendo que ambos resultados dependem da forma que o conflito é resolvido.

O conflito geralmente é sentido como algo negativo, pois é associado a emoções como o medo, a raiva, o ódio, que podem gerar angústia, sofrimento e violência. O conflito foi considerado durante muito tempo um problema, mas ele pode ser também fonte de progresso, uma vez que faz parte da construção do sujeito ao desenvolver a consciência de si mesmo, a identidade e o reconhecimento social. É a maneira de administrar o conflito que lhe dá um valor construtivo ou destrutivo (BLIN, 2005, p. 136).

Em muitos casos, as pessoas tendem a pensar que a violência só ocorre quando há a ameaça a integridade física das pessoas ou quando há humilhações por meio de palavrões ou palavras grosseiras, porém, existe também a violência emocional, que suscita-se por atitudes de carácter desprezível e de indiferença ao outro.

Com relação a isto, torna-se possível pensar que a violência emocional ou psicológica tende-se a assemelhar-se, de certo modo, com a violência simbólica, haja vista, que uma das características de ambas as violências é o poder de camuflagem que possuem, deixando-as despercebidas por quem as sofre.

3.1 Concepções de violência e violência escolar

De acordo com o que já foi exposto no item 2.1 deste trabalho, no qual retrata os sujeitos da pesquisa, pode-se perceber que apenas um participante, no caso a Prof.^a de Matemática, aceitou realizar a entrevista semiestruturada permitindo-nos gravar sua fala no decorrer da entrevista. Contudo, apesar de ter-se realizado apenas uma entrevista, já que os demais participantes preferiram o questionário, as análises das respostas do questionário e da entrevista serão realizadas coletivamente, devido as questões do questionário serem as mesmas contempladas na entrevista com a prof.^a de matemática, com exceção do questionário dirigido a gestão escolar, que

apesar de compor as mesmas questões do questionário para os professores, possui uma questão a menos que esta última.

A partir do questionário direcionado ao grupo de professores e gestão escolar, buscou-se verificar conceitos, definições e concepções acerca da violência escolar na Escola Municipal Rosália Pinheiro, afim de percebermos a visão e a realidade enfrentada pela escola e em especial por alguns professores com relação ao fenômeno da violência no ambiente escolar.

Neste sentido, ao indagarmos sobre a concepção acerca da violência e violência escolar ao grupo de professores e gestão escolar, obtivemos as seguintes respostas:

A violência nas escolas, reproduz a violência na sociedade. Está associada a graves problemas socioeconômicos, o declínio da autoridade dos pais e professores, o aumento do tráfico e consumo de drogas, a violência reproduzida na TV e nos jogos [...] (Marta, 2015).

A violência é um tema cada vez recorrente em nossos dias [...] Essa violência desenfreada invade áreas consideradas intocáveis como igrejas e escolas. Hoje está cada vez mais comum a violência nas escolas, tanto as físicas, como depredação de patrimônio e agressão com arma de fogo. Até agressões não físicas, como ameaças e até terrorismo psicológico (José, 2015).

A violência escolar vem de fora pra dentro. A meu ver, né, ela deve-se a fatores sociais externos ao ambiente escolar (Rosa, 2015. Informação verbal).

A violência é um comportamento que causa danos e se manifesta de diversas maneiras [...] Vale ressaltar que na educação também encontramos vários tipos de violação aos direitos humanos, como: direito do aluno de estudar, brigas, degradação ao ambiente escolar e muitos outros [...] (Samuel, 2015).

Violência é algo que vem denegrindo a imagem da sociedade, e se tratando da violência escolar é muito mais grave a sua atuação, pois atinge toda a esfera educacional trazendo assim muitos aspectos negativos (Evaldo, 2015).

Diante de tantas afirmações e opiniões é importante ressaltar que em todas as falas percebe-se o acordo direcionado a relação entre violência, violência escolar e sociedade. Deste modo, pode-se observar que para os participantes da pesquisa a violência escolar constitui-se num fator social originariamente externo ao ambiente escolar, mas que está gradativamente presente no interior da escola.

No entanto, de acordo com Blin (2005) em sua obra *Classes difíceis: ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares*, “A explicação dos problemas escolares não deve ser buscada somente no ambiente social” (BLIN, 2005, p. 42). Visto que, segundo o autor, a escola também configura-se num lugar de expressão de escolhas políticas, que resulta também na violência contra alguns alunos ao produzir o fracasso escolar destes. Desse modo, para Blin (2005, p. 42) “[...] os problemas escolares deveriam ser interpretados como violência reacional dos jovens em resposta às violências que sofrem na escola”. Isto é, quando o aluno é vítima da violência institucional.

Dessa maneira, de acordo com Charlot (2002), em seu estudo sobre a abordagem da violência na escola por sociólogos franceses, torna-se importante considerar a necessidade de se distinguir as diversificações referentes a questão da violência na escola. Neste sentido, o autor vem nos dizer que:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...) (CHARLOT, 2002, p. 434 e 435).

Diante disto, vale ressaltar na fala da professora Marta a questão do “consumo e tráfico de drogas”. Onde, com base na concepção abordada por Charlot (2002),

pode ser considerada um ato que propicia a violência, estando inserido na definição de *violência na escola* considerada pelo o autor, já que este ato, no caso o consumo e o tráfico de drogas, pode ocorrer em qualquer lugar, não restringindo-se somente ao ambiente escolar. Entretanto, este ato responsabiliza-se pelo aumento da violência na sociedade de um modo geral, incluindo a escola. Visto que os jovens ou adolescentes que praticam o consumo de substâncias químicas, quando não possuem um trabalho fixo, recorrem a roubos e assaltos para manter o sustento de seus vícios.

3.2 Identificação em quanto vítima e agressor

Em seguida, ao questionarmos se os participantes da pesquisa já haviam sofrido algum tipo de violência (Simbólica, verbal, física) por parte de alguns alunos, ressaltando-nos o relato de suas experiências, alcançamos tais respostas:

Sim, não só eu, mas constantemente ouço relatos de colegas que são agredidos verbalmente por alunos. Já fui ofendida com palavrões ao chamar a atenção de um aluno que estava de costas pra mim, com o celular ligado, ouvindo música durante a aula [...] Discute-se muito hoje em dia sobre o bullying nas escolas e a maior parte das discussões envolvem o aluno. Mas o professor também sofre bullying ao ser desrespeitado, quando sua aula é ignorada [...] (Marta, 2015).

Sim, quando iniciei minha carreira como professor me recusei a dar média azul para um aluno que me ofereceu dinheiro pra fazer isso. Por esse motivo ele ameaçou comprar gasolina e queimar minha motocicleta (José, 2015).

Os professores sofrem vários tipos de violência, alguns até física mesmo, que é quando chega ao extremo, porém, a violência física é mais difícil de acontecer. No meu caso, considero já ter sofrido violência simbólica, que foi quando uma aluna insatisfeita com sua nota demonstrou muita raiva de mim e amassou a prova na minha frente, fazendo menção de jogar o papel em minha direção (Rosa, 2015. Informação verbal).

Não (Samuel, 2015).

Já presenciei um tipo de violência verbal contra um professor. Foi quando um aluno (adolescente) estava impedindo o andamento da aula e o desenvolvimento das atividades e ao ser chamado atenção agrediu violentamente verbalmente o professor da turma, o qual não pôde fazer nada a não ser pedir para que o aluno se retirasse da sala (Evaldo, 2015).

Com base nos relatos dos sujeitos da pesquisa, pode-se observar que os principais tipos de violência presente na escola Rosália Pinheiro está relacionada à violência simbólica e verbal. Neste sentido, de acordo com Abramovay e Rua (2003, p. 80) a violência simbólica “[...] Refere-se também à violência sofrida por professores quando são agredidos em seu local de trabalho e em sua identidade profissional, pelo desinteresse e indiferença dos alunos [...]”.

Essa situação demonstrasse bem explícita na fala da professora Marta quando a mesma ressalta o desrespeito contra o professor e contra a sua aula. Sendo que segundo a professora, o fato dos alunos ignorarem a aula também enquadra-se num tipo de violência, neste caso a violência simbólica.

Com relação a resposta do professor José e da professora Rosa, pode-se notar que o motivo do conflito que gerou uma ameaça contra um bem material do professor, neste caso a sua motocicleta, e o desrespeito com a professora, deveu-se a insatisfação de nota escolar por parte dos alunos envolvidos em ambas situações.

Nesta perspectiva, outra questão abordada no questionário dirigido aos professores foi com relação a prática de violência contra os alunos por parte dos professores, no qual recebemos essas respostas:

Não dá pra afirmar, mas as vezes, sem termos a intensão, acabamos ofendendo sim os alunos, com palavras mal expressadas e interpretadas de maneira equivocada por eles (Marta, 2015).

Acho que sim, involuntariamente. Quando mandamos um aluno embora por ele nos falar a verdade, mas de forma muito direta, o que nos aborrece. É uma forma de violência contra o aluno. As vezes pratico esse tipo de violência (José, 2015).

É isso acontece, pois quando eu imponho algo para meu aluno fazer, usando mesmo de autoridade, eu estou praticando a violência contra meu aluno (Rosa, 2015).

De acordo com as respostas dos professores, pode-se dizer que todos eles demonstram reconhecer que praticam, mesmo que de forma indireta em alguns casos, violência contra os seus alunos. Pois, segundo eles, até mesmo o fato de cobrar, neste caso a participação e envolvimento dos alunos nas atividades em sala de aula, por meio de imposições, acaba tornando-se uma forma de violência, neste caso novamente a violência simbólica.

A violência simbólica expressada nesta questão pelos próprios professores, está relacionada as exigências de atividades de forma até mesmo autoritária, onde estes demonstram ignorar na maioria das vezes a realidade de seus alunos com relação a vida particular, profissional e familiar. Este tipo de violência acaba muitas vezes sendo despercebidas pelos profissionais da educação devido a correria do dia-a-dia e a necessidade do cumprimento dos conteúdos programáticos contemplados na grade curricular da escola.

A respeito disso, Blin (2005) nos traz sua contribuição ao dizer que

A escola é um lugar onde o jovem deve adquirir o domínio intelectual e social de certo número de regras. Para isso, ele precisa encontrar adultos que lhe imponham limites, referências e que saibam se posicionar em relação a condutas e a solicitações de adolescentes. [...] É a qualidade das exigências no ato educativo que permite aos jovens se estruturarem [...] (BLIN, 2005, p. 110).

Dessa forma, ressalta-se a importância do professor ter cuidado no momento de realizar o ato de intervenção e exigências para com os alunos, procurando manter o máximo de controle nas situações de conflitos que engendram ao estresse do profissional. Visto que segundo Blin (2005), na maioria dos casos de conflitos de alunos contra professores, o principal objetivo é testar o grau de paciência do professor por meio da relação de força exercida por ambas as partes na situação conflituosa. Mediante a isto, o autor reforça sobre as condutas de relacionamento por parte dos profissionais da educação.

O professor deve ter atenção para que não se instaurem na aula relações de força, pois nenhuma sociabilidade é possível com o uso da violência. Deve cuidar também para que ele mesmo não crie relações de força na aula (insulto, deboche, humilhação, etc.) [...] Se a escola é um lugar de aprendizagem da democracia, isso implica que os alunos participem da elaboração das regras que devem ser fruto das trocas e das negociações a partir de valores compartilhados e da lei social, pela qual o professor é o responsável [...] O adolescente necessita ter diante dele adultos que o façam respeitar a lei e que a respeitem igualmente para poder compreender que a lei se aplica a todos, que ninguém está acima dela. Dessa forma, qualquer aluno que se recuse a aceitar as consequências decorrentes de suas transgressões não pode participar das atividades da classe, enquanto manter sua recusa. As regras e o respeito a elas permitem desenvolver o sentido das responsabilidades e de construir valores [...] (BLIN, 2005, p. 110-111).

Com relação a resposta do professor José, que destaca a crítica direta por parte dos alunos, o que lhe causa aborrecimento, Blin (2005) considera relevante que o professor analise a real intenção da crítica realizada pelos alunos ao professor.

As observações críticas dos alunos são, na maioria das vezes, vividas afetivamente pelos professores, pois eles as interpretam como ataques pessoais. Se certas intervenções orais constituem verdadeiras agressões contra o professor, a maioria não visa à sua pessoa e são, sobretudo, mensagens de incompreensão ou de pedidos de ajuda malformulados. Convém, portanto, assegurar-se da intenção antes de reagir. Certas críticas (tarefas demais, distribuição das provas, etc.) podem ser justificadas e exigir uma resolução do problema por meio da negociação de uma solução com a turma. No entanto, a repetição diária por alguns alunos de críticas sem fundamento pode ser considerada uma forma de perseguição moral que apresenta riscos de estresse para o professor (BLIN, 2005, p. 155).

3.3 As consequências da violência escolar no Processo Educacional

Ao indagarmos a ambos os grupos sobre a opinião de cada um dos participantes com relação as situações de violência (entre alunos e de alunos contra professores) e a interferência no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e no bom desenvolvimento da prática docente dos professores, eles nos responderam o seguinte:

Acredito que sim (Marta, 2015).

A violência atrapalha e muito o ensino-aprendizagem. Se a turma é violenta o professor já não se sente confiante para ministrar sua aula, isso leva a um trabalho mal feito, o que prejudica a turma. Além de gerar desgaste emocional do profissional (José, 2015).

Com certeza. Quando isso ocorre, não há uma boa relação entre aluno e professor, assim fica comprometido o processo de ensino e aprendizagem do aluno [...] Quando acontece do aluno ser violento, usar de violência na escola, o professor já não tem mais aquele jeito de chegar com o aluno, de ter aquela didática, de haver aquela cobrança nas atividades por causa do receio, do medo que tem do aluno [...] (Rosa, 2015. Informação verbal).

Interfere, pois causa um ambiente não agradável (Samuel, 2015).

Sim, com certeza as situações de violência dentro do ambiente escolar interferem de forma significativa na aprendizagem dos alunos, pois os professores de certa forma não conseguem desenvolver um bom trabalho num ambiente onde a violência é notória (Evaldo, 2015).

Diante do exposto pelos sujeitos participantes da pesquisa com relação a questão abordada acima, pode-se observar, de um modo geral, que todos consideram a violência no ambiente escolar, seja entre alunos ou entre alunos e professores, um ponto negativo e prejudicial tanto para o desenvolvimento do processo educacional

dos alunos quanto para o bom desenvolvimento da prática docente dos profissionais em educação, já que esses últimos são preenchidos pelo temor que alguns alunos constroem com impresumíveis atitudes dentro do ambiente escolar, ressaltando o desrespeito a esta comunidade. Desta maneira, como bem nos colocou a professora Rosa, essa interferência ocorre principalmente pelo fato do professor perder o respeito dos alunos e contrair receio, medo dos alunos.

Em consequência disso, os professores acabam direcionando a si próprios, a confusão e anulação quanto sua identidade profissional, já que muitos não sabem como controlar e se posicionar diante de tais situações conflituosas.

Entretanto, é importante ressaltar que não se pode generalizar essa situação entre todos os alunos, até porque esses conflitos não ocorrem com todos eles, sendo que tem aqueles que constroem e possibilitam ao professor construir uma boa relação na interação professor e aluno.

3.4 Apontamentos das possíveis causas da violência escolar na EMEF “Rosália Pinheiro”

Ao solicitarmos aos participantes que nos indicassem ou não as possíveis causas da violência na escola Rosália Pinheiro com base na experiência profissional de cada um deles, foram apontados os seguintes fatores:

[...] Quanto a EJA, cito como um fator da violência, o fato de que sua “clientela” é formada, em sua maioria, por alunos com histórico de mau comportamento, de repetição e reprovação em outras escolas [...] alguns estão lá, não para estudar, mas para praticar o uso e o tráfico de drogas. É importante ressaltar também, que a maioria dos alunos que ali estão, veem de famílias desestruturadas, afirmo isso porque conheço e sei da condição de vida da maioria deles (Marta, 2015).

Ausência da família. Famílias desestruturadas. Falta de outros profissionais (Psicólogo) que possam dividir as responsabilidades com os professores (José, 2015).

São as drogas, famílias desestabilizadas... É assim, devido os alunos virem de uma área mais específica, vindo da área lá de trás (Invasão), né, onde a maioria das famílias são desestabilizadas, que são pessoas que usam drogas e não demonstram possuir perspectivas positivas para o seu próprio futuro né, acabam trazendo toda essa carga pra dentro da sala de aula [...] Assim, o que se pode observar é que o defeito maior é a questão das drogas mesmo, tanto as ilícitas quanto as lícitas, como o álcool e o cigarro (Rosa, 2015. Informação verbal).

Falta da primeira educação, a da família, é um dos problemas (Samuel, 2015).

Nesta instituição desde o início do meu trabalho o índice de violência é quase zero, pois não temos, graças a Deus, evidenciado ações que indiquem violência (Evaldo, 2015).

Na maioria das respostas, com exceção apenas da resposta do vice diretor Evaldo, pode-se notar que os sujeitos participantes da pesquisa apontaram como principal fator responsável pelos casos de violência na escola, a questão da *desestruturação familiar* e as *drogas*. Neste sentido, é importante destacar a percepção de maiores detalhes nas respostas das professoras Marta e Rosa, devido ambas residirem na comunidade onde a escola está localizada, demonstrando, deste modo, maior conhecimento sobre a vida dos alunos.

A questão da desestruturação familiar apontado por alguns dos participantes da pesquisa também é considerada por Blin (2005) quando este nos afirma que

[...] A instabilidade dos vínculos familiares pode ter uma incidência no desenvolvimento psicoafetivo e sociomoral dos jovens, bem como na estruturação de sua personalidade. Assim, o clima familiar e as relações com os pais, quando são malvividas pelo adolescente, podem ser a origem de muitos distúrbios do comportamento [...] (BLIN, 2005, p. 41).

Contudo, é importante considerar que experiências familiares, tanto negativas quanto positivas, não devem ser analisadas como responsáveis decisivas pelas transgressões de jovens e adolescentes, visto que essas experiências não

determinam por si só a construção da personalidade das pessoas, senão, não haveriam pessoas, de boa condição financeira, espancando e aterrorizando pessoas nas ruas e somente pessoas desfavorecidas economicamente fariam uso de drogas, e isto, como bem sabemos, não condiz com a atual realidade que vivemos.

O professor José também fez alusão a questão da desestruturação familiar, porém, percebe-se uma visão muito cingida, e isto talvez deva-se ao fato do professor não residir na mesma comunidade onde os demais participantes residem, isto é, na Vila de americano, onde está localizada a escola Rosália Pinheiro.

Observa-se que o Vice diretor Evaldo, apesar de relatar uma experiência de violência de um professor numa questão anterior a esta, considera que o índice de violência na escola Rosália Pinheiro, desde o início de seu trabalho, é quase zero. Neste sentido, deve-se avaliar o tempo de experiência profissional, neste caso, como vice diretor da escola, já que Evaldo desenvolvia o trabalho docente há seis meses atrás, antes de ser vice diretor.

3.5 Sugestões de ações referentes a redução da violência no ambiente escolar

Ao sondarmos acerca da opinião dos sujeitos da pesquisa sobre o que deveria ser feito na escola ou na comunidade onde a escola está inserida para que houvesse uma diminuição dos atos infracionais e de violência contra a comunidade escolar por parte de alguns alunos, obteve-se as seguintes contribuições:

Uma boa conexão escola, família e comunidade. Trazer a família para dentro da escola e vice-versa [...] parceria com o conselho tutelar [...] gestão participativa, reuniões periódicas entre gestores e educadores, atividades culturais: jogos, gincanas, atividades de lazer, projetos e palestras envolvendo sempre alunos e suas famílias [...] É preciso que outros órgãos competentes (Prefeitura, Polícia Militar, Conselho Escolar, dentre outros), criem políticas públicas de prevenção à violência escolar [...] É necessário também que haja formação de professores, dentro dessas políticas públicas para sabermos como lidar nesse contexto de violência escolar (Marta, 2015).

[...] acredito que investir mais na família e em políticas que possam levar os pais a terem mais tempo em casa com seus filhos, seria bom começo pra diminuir a violência (José, 2015).

[...] Já dentro da escola seria relevante a parceria com a família. Se a escola conseguisse uma parceria com a família, já que o problema na maioria das vezes é externo né, e em alguns casos vem da relação familiar, este problema poderia até não ser sanado, mas acredito que reduziria bastante (Rosa, 2015. Informação verbal).

Trabalhamos com parcerias, com o Conselho tutelar, Conselho escolar, pais, políticos e representantes da segurança pública, desta forma estamos a minimizar nossos problemas (Samuel, 2015).

A priori seria necessário criar um ambiente de socialização para os alunos, ou seja, cursos de capacitação e reciclagem de produtos. Pois só assim diminuiria o ato de violência, pois sabemos que a maioria das infrações cometidas pelos jovens é devido a ociosidade (Evaldo, 2015).

Nesta questão, observou-se a valorização de se trabalhar com parcerias, seja família, conselho tutelar e comunidade. Especificamente na fala da professora Rosa, depreende-se que a ociosidade também constitui-se num fator que propicia ações de violência e transgressões a comunidade de um modo geral. Dessa forma, seria válido investir em projetos e atividades que viessem contribuir positivamente nas construções de valores éticos e culturais dos alunos.

Em seu artigo *Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução da violência em meio escolar*, Sposito (2002) retrata a experiência dos programas especiais para escolas públicas, especificamente o exemplo de São Paulo. Dentro desses programas haviam projetos que visavam a aproximação, de forma mais direta, da comunidade onde a escola está inserida com a própria escola. Sendo que um dos principais projetos relatados por Sposito (2002), diz respeito ao Projeto “Fim de Semana”.

Os resultados dessas atividades, sobretudo no âmbito das unidades municipais de ensino, foram diferentes e muito desiguais. Há inúmeras experiências de sucesso: os portões abertos para atividades esportivas, culturais e de lazer reduziram índices de violência anteriormente observados na escola; o clima de trabalho e as interações entre o corpo de profissionais e alunos tendeu a alcançar um patamar mais adequado, facilitando o próprio processo pedagógico (SPOSITO, 2002, p. 77).

Contudo, nem todas as experiências foram positivas, principalmente quando “[...] a ocupação dos espaços e tempos ociosos exprimia uma ação isolada sem efeitos positivos que colaborassem para reverter a vida escolar” (SPOSITO, 2002, p. 78).

Diante disto, a fala da professora Rosa exprime grandes significados, haja vista, que apesar de mesma reconhecer a tentativa da Associação Comunitária da Vila de Americano em buscar resgatar valores culturais para os jovens, a professora demonstrou-se atenta com relação a subjetividade dos interesses dos jovens e adolescentes da comunidade.

Já na fala da professora Marta, pode-se frisar a questão da formação continuada para os professores com foco no tema da violência escolar, visto que a professora demonstra reconhecer a eventual incapacidade de lidar com situações que envolvem um contexto de violência, e esse reconhecimento demonstra-se de suma importância como iniciativa dos profissionais da educação na tentativa de se trabalhar contra a violência escolar, pois torna-se necessário articulações e discussões que tornem públicas essas situações, pondo fim no silêncio que persiste e destrói a chance de enfrentar esse fenômeno social dentro das escolas.

Considerações Finais

Este trabalho deveu-se a algumas situações que pude vivenciar e observar tanto no campo pedagógico de educação formal, referente aos estágios no ambiente escolar, quanto no campo pedagógico de educação informal, no que concerne ao estágio em Pedagogia não escolar.

No entanto, perante as questões abordadas na discussão deste trabalho, pode-se dizer que a compreensão acerca do fenômeno da violência escolar constitui-se num tema complexo, tendo em vista que este assunto apresenta-se de variadas formas diante de diferentes dimensões do contexto social. Dessa maneira, compreende-se que não se pode falar da violência que ameaça professores no interior da escola sem mencionarmos a violência sofrida pelos jovens e adolescentes no ambiente externo e interno a escola, visto que são várias as formas, meios e condições capazes de proporcionar situações de conflitos, violência social e escolar.

Nesse caso, a pesquisa desenvolvida neste trabalho demonstrou-se relevante na medida em que nos possibilita, mesmo que de forma concisa, o reconhecimento de algumas características da comunidade onde a escola encontra-se localizada. O que nos permite realizar possíveis considerações acerca do problema que a pesquisa nos traz. Mediante a isto, torna-se importante reforçar o fator sociocultural da comunidade, no sentido de se buscar a valorização cultural, cultivada por antigas gerações, nesta nova e atual geração.

Nesta perspectiva, torna-se possível considerar que as situações de violência escolar não podem ser simplesmente definidas por questões pedagógicas, familiares, ou de personalidades, isto é, desvio de condutas por parte dos alunos. Considerando que todas essas questões estão relacionadas diretamente as ações do Estado, que neste caso, aparece como o principal responsável pelos assuntos que envolvem a sociedade de um modo geral e em todas as suas instâncias, sendo estas: Saúde, educação, segurança, cultura, lazer e etc.

Diante disto, pode-se considerar que apesar deste trabalho propor a reflexão acerca da violência escolar contra professores e de certo modo contra os alunos, focando nas interferências que este problema social pode causar nas relações pedagógicas escolares, o mesmo não encontra-se isento de problemas e dificuldades

em seu desenvolvimento, já que a pesquisa ocorreu de maneira restrita em vista da extensão que este fenômeno social possui.

No entanto, de acordo com o que se propôs à pesquisa, pode-se dizer, com base nas análises dos dados produzidas na pesquisa, que na escola Rosália Pinheiro, assim como nos afirmam os referenciais teóricos abordados neste trabalho, os principais tipos de violência escolar enfrentados pela comunidade escolar estão relacionados a violência simbólica e verbal. Sendo que diante das análises das falas dos sujeitos participantes da pesquisa, pode-se considerar que a violência no ambiente escolar interfere no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e no desenvolvimento da prática docente dos professores a partir do momento que passa a prejudicar nas relações interpessoais entre aluno-professor, destruindo as possibilidades de criações de vínculos mais afetivos devido a disseminação do desrespeito mútuo que se instaura e incide a dominar essas relações.

Assim, torna-se importante reforçar que a violência no ambiente escolar precisa ser analisada de maneira mais crítica e contundente nas relações políticas e acadêmicas de foco social, pois, caracteriza-se num assunto cada vez mais frequente e ao mesmo tempo silenciado pelos atores que o vivenciam.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002.

_____. **Os tipos de violência**. Rev. Klickeducação, 2009. Disponível em: < site http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=31:os-tipos-de-violencia&catid=18:en >. Acesso em: 02 de maio de 2013.

ABRAMOVAY, M.; RUA, Maria das G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

_____. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2003. Disponível em: < site <http://unesdoc.unesco.org/imagens/0012/001257/1257/125791porb> >. Acesso em: 17 de julho de 2013.

ALMEIDA, Fernando, José. **As Violências que Estão na Escola**. In Revista Eletrônica Nova Escola. 24 de abril de 2009. In. Revista Eletrônica Brasil Escola. 2012. Disponível em: < site <http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/violencias-escola-467268.shtml> >. Acesso em: 11 fev. 2013.

BANDEIRA, Marina. **Tipos de Pesquisa**. Departamento de Psicologia – FUNREI. Disponível em: < site <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf> >. Acesso em: 06 de maio de 2013.

BARROS, Jussara de. **A Violência em Sala de Aula**. Disponível em: < site <http://www.brasilecola.com/educacao/escola-x-violencia.htm> >. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. **Violência na escola**. Disponível em: < site <http://www.brasilecola.com/educacao/escola-x-> >. Acesso em: 02 de maio de 2013.

BLIN, Jean-François. *Classes difíceis: ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BRASIL. PCN - **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação – MEC. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. Brasília. DF. 2001.

CASTILHO, Antonio Paulo F. de; PESCUMA, Derna. **Projeto de pesquisa – O que é? Como fazer?** Um guia para sua elaboração. Editora: Olho d'Água. São Paulo, 2008.

CHARLOT, B. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Biblioteca da Educação. Série I. Escola, v. 16. São Paulo: Cortez, 1991.

CREPALDI, Lideli. **Violência no ambiente escolar**. Disponível em: < site <http://www.revistaoprofessor.com.br/wordpress/?p=102> >. Acesso em: 02 de maio de 2013.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. RAE Artigos. São Paulo, 1995. Disponível em: < site http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_tipos_fundamentais.pdf >. Acesso em: 06 de maio de 2013.

GONÇALVES, Luiz Alberto O.; SPOSITO, M. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 115, p. 101-138, 2002.

GONÇALVES, Luiz Alberto O.; TOSTA, Sandra Pereira. **A síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola**. Editora: Autêntica. Belo Horizonte, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Diretrizes Curriculares da Pedagogia – um adeus à pedagogia e aos pedagogos?** UFPE, 2006.

MENDES, Nilza Maria V. **Violência escolar e o papel do professor**. FAPED/UFPA. Castanhal: PA, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Editora: Vozes. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1993.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática**. Ed. 10ª. Editora Papirus. Campinas, 2004.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. **Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161 – 179, jan./abril. 2009.

SPOSITO, M. **Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução da violência em meio escolar**. Pro-Posições, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 71-83, 2002.

_____. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001.

TONCHIS, Luiz Claudio. **Violência na escola e suas consequências**. Disponível em: < site <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/violencia-na-escola-e-suas-consequencias> >. Acesso em: 02 de maio de 2013.

VELHO, Gilberto. **Mudança, crise e violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

ANEXO A – Questionário direcionado à equipe gestora.



Venho por meio deste, solicitar a sua colaboração através da participação na resolução deste questionário referente a minha pesquisa de campo, para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Discente: Jéssica Sales de Lima

Curso: Licenciatura Plena em Pedagogia

Questionário dirigido à Equipe Gestora

1. Qual a sua formação e a quanto tempo você desenvolve a prática em gestão na escola “Rosália Pinheiro”?
2. Qual a sua concepção acerca da Violência e Violência Escolar?
3. Você considera já ter sofrido algum tipo de violência (Simbólica, verbal, física) por parte dos alunos? Relate-nos sua experiência.
4. Em sua concepção, as situações de violência (entre alunos e de alunos contra professores) interferem no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e no bom desenvolvimento da prática docente dos professores? Justifique.
5. Com base na sua experiência e vivência nesta instituição educacional, indique-nos ou não as possíveis causas da violência escolar nesta Escola.
6. Em sua concepção, o que deveria ser feito na escola ou na comunidade onde a escola está inserida, para que houvesse uma diminuição dos atos infracionais e de violência contra a comunidade escolar por parte de alguns alunos?

ANEXO B – Questionário direcionada ao grupo de professores.



Venho por meio deste, solicitar a sua colaboração através da participação na resolução deste questionário referente a minha pesquisa de campo, para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Discente: Jéssica Sales de Lima

Curso: Licenciatura Plena em Pedagogia

Questionário dirigido aos Professores

1. Qual a sua formação e a quanto tempo você desenvolve a prática docente na escola “Rosália Pinheiro”?
2. Qual a sua concepção acerca da Violência e Violência Escolar?
3. Você considera já ter sofrido algum tipo de violência (Simbólica, verbal, física) por parte dos alunos? Relate-nos sua experiência.
4. Você considera já ter praticado algum tipo de violência contra os alunos? Relate-nos sua experiência.
5. Em sua concepção, as situações de violência (entre alunos e de alunos contra professores) interferem no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e no bom desenvolvimento da prática docente dos professores? Justifique.
6. Com base na sua experiência docente, indique-nos ou não as possíveis causas da violência escolar nesta Escola.
7. Em sua concepção, o que deveria ser feito na escola ou na comunidade onde a escola está inserida, para que houvesse uma diminuição dos atos infracionais (uso de drogas dentro da escola ou em seu entorno) e de violência contra a comunidade escolar por parte de alguns alunos?